

OS CONSELHOS DA NOITE / 2019

um filme de JOSÉ OLIVEIRA

Realização: José Oliveira *Argumento:* José Oliveira, João Palhares *Direcção de fotografia:* Manuel Pinto Barros *Direcção de som:* Gil Amado *Montagem de som, Mistura:* Martim Crawford *Música original:* Luís Fernandes *Montagem:* Diogo Vale *Assistência de realização:* Marta Ramos *Direcção de arte:* Joana Sousa *Maquilhagem, cabelos:* Olga José *Correcção de cor:* Andreia Bertini *Interpretação:* Tiago Aldeia (Roberto), Marta Carvalho (Sara), Adolfo Luxúria Canibal (Vicente), Manuel Teixeira (Zé), Arlete de Sousa (Mãe), José Topa (Pai), José Lopes (dono da quinta), José Miguel Braga (dono MiniSport 1), Camilo Silva (dono MiniSport 2), André Laires (dono Estúdio 22), Frederico Madeira (amigo de infância), João Vaz (bailarino), Leandro Gonçalves (miúdo telemóvel), Francisca Faria (Celina), Luís Carlos Ferreira (Tiago), Filipe Palas, Júlio Miguel Barbosa, Manuela Pinto, Ribeiro, Rúben Silva, etc.

Produção: The Stone and The Plot (Portugal, 2019) *Produtor:* Daniel Pereira *Direcção de Produção:* Bruno Adrião *Cópia:* DCP, cor, scope, versão original em português, 123 minutos *Finalização:* Agosto de 2019 *Primeira apresentação pública absoluta:* 1 de Março de 2020, no Fantaspporto (Porto) *Estreia comercial em Portugal:* 17 de Setembro de 2020 *Primeira exibição na Cinemateca.*

COM A PRESENÇA DE JOSÉ OLIVEIRA

N'OS CONSELHOS DA NOITE chega-se a Braga de camioneta, meio de transporte familiar a muitos passageiros habituados a deslocações regulares entre moradas. A viagem do protagonista Roberto parte algures do Alentejo, da paisagem do Sul à do Norte português sem passar por Lisboa, onde viveu uns anos antes de ter perdido as graças do jornalismo e se ter des-exaltado com a publicação de um livro aclamado refugiando-se no trabalho agrícola. Não o sabemos logo. De chofre, só que a vista aberta é crepuscular, um horizonte de planície com uma longínqua cerca em contra-luz. E que à noite um homem novo se recolhe em casa sacudido pelo nervoso-miudinho que lhe sai das pernas e dos dedos, olhos baixados para dois envelopes de más notícias oncológicas que acabam arremessados para dentro da lareira. Na manhã seguinte, quando se despede do homem mais velho diante de um campo em que há ciprestes entre oliveiras, anuncia ao que vai, *para Braga, para casa.*

Neste começo em despedida, o homem mais velho é interpretado por José Lopes, antes protagonista viajante de José Oliveira em LONGE (2016), seu companheiro de GUERRA (2020, co-realizado com Marta Ramos). O plano diurno que lhe cabe em CONSELHOS DA NOITE é nesse sentido uma passagem de um a outro: quem este filme segue de perto é a personagem de Tiago Aldeia, o homem mais novo que dali sai silenciosamente condenado à morte para um regresso à cidade que há muito não visita. É a mesma em que José Oliveira cresceu, de onde saiu, em que mantém um cineclubes chamado Lucky Star com João Palhares (co-argumentista dos CONSELHOS DA NOITE) e que, já agora, começou por filmar quando estudava na Escola Superior Artística do Porto: BRAGA (2010) é um título anterior às curta-metragens PAI NATAL, A PENA PERDIDA (2011), anterior aos filmes que co-realizou com Marta Ramos e Mário Fernandes no mesmo espírito de livre independência e afinidades de bando – SEM ABRIGO, TIMES ARE CHANGING, NOT ME, O ATIRADOR, 35 ANOS DEPOIS, O MOVIMENTO DAS COISAS (2011-2015). Não sendo exactamente uma primeira obra e não sendo o primeiro olhar sobre Braga de José Oliveira, OS CONSELHOS DA NOITE é o primeiro dos seus projectos filmado nos termos de uma produção com rede e é a primeira longa-metragem de ficção que faz pulsar a sua cidade no cinema.

Não é um pormenor, tampouco questão de cenário, é o fulcro dos CONSELHOS DA NOITE. “Uma carta de amor a Braga”, chamou-lhe o realizador oferecendo, se preciso fosse, a chave do filme em que esse amor não é

traído, alastrando quando se põe ao lado das personagens, percorre lugares, infiltra ambientes. Seguindo Roberto, o Roberto que Tiago Aldeia compõe habitando praticamente todos os planos do filme, descobre-se a cidade que ele redescobre mudada, num contemporâneo percurso de imersão urbana marcado pelo passado da personagem e pela história da cidade, mas também pela memória da sua vivência, mas também pela disponibilidade ao presente que se vai impondo. É preciso estar atento, o que é válido para a personagem é válido para o espectador. OS CONSELHOS DA NOITE faz-se das pistas narrativas que acolhe, de entrelinhas, das paredes e corredores sondados nos planos sequência, da luz que se acende num pavilhão gimnodesportivo sugerindo o contra-campo de uma lembrança, do movimento de câmara circular numa praça central – “veja lá, a vida dá muitas voltas” –, ou da suspensão daquele que vai do fixar de uma jovem multidão semi-hipnotizada ao DJ e ao bailarino que flutua ao som do rap de Ângela Polícia numa exterior noite escura. *Na Espera:*

*Haverá sempre uma cidade em todos nós
Haverá sempre confusão em todos nós
Haverá sempre correria em todos nós
Haverá sempre ganância em todos nós
Haverá sempre injustiça em todos nós
Haverá sempre poluição em todos nós
Haverá sempre guerra em todos nós
Haverá sempre solidão em todos nós*

A história do solitário Roberto vai sendo manifestada nos encontros com desconhecidos, amigos de outro tempo e novos amigos, os pais de quem se distanciou, o diálogo com uma ríspida funcionária no centro de emprego ou, numa livraria, sem que nada seja dito, bastando o embate com um exemplar da terceira edição do seu livro para que se dê conta da fúria mal contida que parece consumi-lo como a doença de que não fala a ninguém. É um tipo que usa caixas de fósforos, escreve à mão, prefere cabines para chamadas telefónicas, se comporta como um irritante cota desfasado dos miúdos que acusa de beberem suminhos e se concentrarem nos ecrãs portáteis, que sempre foi sardónico – diz o Vicente de Adolfo Luxúria Canibal. Declara-se um falhado à adolescente em que reconhece uma prima numa cena que acaba em pancadaria, não se passando num *saloon* mas evocando cowboys, já depois do rastilho romântico noutra bar com a loura *bargirl* Sara Jane de Marta Carvalho em que descobre um par. Vai escrevendo e amarrotando folhas de papel no quarto surrado que alugou para a temporada de pelo menos mês e meio, o tempo que leva a acontecer o concerto no bar em que se canta Zeca Afonso. Fuma cigarros atrás de cigarros e bebe copos de vinho tinto atrás de copos de vinho tinto ou whisky numa garrafinha de bolso prateada que se imagina leve consigo na partida armado da energia por que não esperava.

A odisseia do ferido Roberto, peregrino de poisos vários, deambulante por cafés, tabernas, bares, discotecas, uma roulotte noctívaga, é contagiada pela vibração que encontra numa cidade onde “não se passa nada”, segundo Zé, o amigo a quem se apresenta e de quem se despede em Braga, ao cabo de uma travessia de reconhecimento que vai oferecendo achados desestabilizadores do abandono ao impasse. São *conselhos da noite*. Na Braga de Roberto, em que se tropeça nas mesmas caras nas mesmas esquinas tal e qual acontece noutras paragens, há mais gente do que a que ele lembrava, um cosmopolitismo que ele não conhecia, um hotel de algumas estrelas onde antes ficava o hospital, um curioso café com dançarinas vagamente exóticas no lugar de uma sala de cinema que existirá ao lado pejada de pipocas, o mesmo centro comercial possivelmente mais deserto e o mesmo pavilhão gimnodesportivo que continua a ser jogado. Nas barras de tascas e bares vive ele a humanidade das noites, mais próximas que as de Budapeste cantadas pelos Mão Morta que, bracarenses que são, também se ouvem a rock & rollar, como outras bandas conterrâneas. Nos sinceros CONSELHOS DA NOITE de José Oliveira guarda-se a batida de Braga.